



Voz da Fátima

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: PADRE LUCIANO GUERRA

Ano 55 — N.º 660 — Avença
13 de Setembro de 1977
Redacção e Administração
Santuário de Fátima — Tel. 97182

A grande raiz da Igreja

Todos os homens gostam das árvores, e não só porque as árvores se dão aos homens em tudo o que têm de bom: os frutos, as flores, a sombra, os produtos medicinais, o próprio corpo que dá a lenha, o calor e tantas coisas que os humanos incorporam na sua mesma vida. Os homens amam também as árvores porque as árvores são semelhantes aos homens: nascem, são crianças, fazem-se adultas, envelhecem e morrem.

É por esta simpatia para com as árvores que somos levados a falar delas na meditação acerca da Mensagem de Fátima que costumamos fazer neste lugar. Nós estamos empenhados em levar os cristãos que nos lêem ao encontro da verdadeira fonte da sua vida cristã. A Igreja comparou-a o seu divino Fundador a uma árvore, que, nascida de uma semente pequenina, se haveria de tornar tão frondosa como o mundo dos homens. Passaram dois mil anos e a Igreja alargou os seus ramos, ofereceu as suas flores, desfez-se em frutos por toda a terra, e nalguns lados tem dado a sua vida toda para que, sobre o seu corpo morto, como sobre o corpo morto do Senhor Jesus, os homens se arrependam e se tornem então cristãos.

Mas esta grande, bela, generosa e velha árvore sofre, nestes tempos em que lhe mudam o clima e a terra, uma crise de adaptação; não tanto talvez uma época difícil de sobrevivência como sobretudo uma indecisão, uma incerteza, um abalo, um tempo de prova. A velha árvore da Igreja, que tantas vezes tem sido também comparada a uma barca em pleno oceano tempestuoso, sente a fúria dos ventos, a fuga das águas, a iminência do naufrágio. Como se salvará a árvore da Igreja senão desfazendo-se dos seus ramos secos, pesados, estéreis, e mergulhando as suas raízes nas fontes da sua infância, que são as fontes da sua Primavera, das suas flores e dos seus frutos?

Entre as raízes da Igreja, a grande raiz é a oração. Pensar em Deus é importante, pensar o mundo à luz de Deus é necessário, mas pensar não basta, e pensar não será mesmo o mais importante para que a Igreja encontre, através da suas raízes, a fonte do seu renascimento vital. Só a oração será raiz que vai ao fundo, que vai à fonte, que vai à vida.

Ora nós temos de reconhecer — os que pretendem «conservar» a Igreja e os que a pretendem «reformular», pois

não conseguimos admitir que sejam católicos os que a querem matar — temos de reconhecer que a nossa tentação é fazermos dos homens, da natureza, da vida temporal, a nossa fonte, e prescindirmos de ir mais além, ao fundo-fundo, Àquele de Quem provém o nascer, o renascer e o crescer. O que nos falta é a ORAÇÃO.

Neste ano sexagésimo das Aparições de Fátima é fundamental aproveitarmos o seu último mês para uma intensificação séria da nossa vida de oração. Precisamos, nós que somos Igreja em crise, de mergulhar as nossas raízes na fonte donde verdadeiramente nascemos, donde crescemos, donde havemos de renascer. Deus é o Princípio, n'Ele mergulham as nossas raízes. E se a nossa grande raiz é a oração, temos de voltar à oração para que voltemos a ser cristãos e voltemos a ser Igreja.

Vem aí o mês de Outubro. Nesse mês, há sessenta anos, declarou-se Nossa Senhora em Fátima a «Senhora do Rosário». Parece-nos isso um facto importante, dado o contexto em que a declaração foi feita. Mas nem por isso deixamos de pensar que seria errado absolutizarmos o terço do Rosário com exclusão de outras formas de oração, que igualmente são raiz a conduzir-nos à Fonte da Igreja. Simplesmente, o Rosário é uma oração recomendada por Nossa Senhora nos nossos dias; e além disso é o Rosário uma oração que costuma, por tradição antiga, oferecer-se especialmente durante o mês de Outubro. Daí a preocupação do Santuário de Fátima em aproveitar a tradição do mês de Outubro, para fazer dele, este ano, um grande mês do Rosário, e pelo Rosário, um grande mês de oração.

Coincidindo o mês do Rosário com o primeiro mês de actividades pastorais das várias instituições da Igreja, poderá ser esta uma óptima moldura para congregar, num mesmo momento de oração, todos aqueles que se encontram mais empenhados na renovação pastoral e no planeamento de actividades para o próximo ano. E assim, com a bênção de Maria, Mãe da Igreja, fecharíamos este ano sexagésimo das suas Aparições em Fátima, exercitando-nos no que Ela mais recomenda neste lugar e no que é a maior necessidade da Igreja nos nossos dias: A ORAÇÃO.

P. LUCIANO GUERRA

13 de Setembro de 1917

Ao aproximar-se a hora, lá fui, com a Jacinta e o Francisco, entre numerosas pessoas que a custo nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente. Todos nos queriam ver e falar. Ali não havia respeito humano. Numerosas pessoas, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se, de joelhos diante de nós, pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades. Outros, não conseguindo chegar junto de nós, clamavam de longe:

— Pelo amor de Deus! peçam a Nossa Senhora que me cure meu filho, que é aleijadinho!

Outro: — Que me cure o meu, que é cego!

Outro: — O meu, que é surdo!

— Que me traga meu marido...

— ... meu filho, que anda na guerra!

— Que me converta um pecador!

— Que me dê saúde, que estou tuberculoso!

Etc., etc..

Ali apareciam todas as misérias da pobre humanidade. E alguns gritavam até do cimo das árvores e paredes, para onde subiam, com o fim de nos ajudar a levantar o pó da terra, lá fomos andando, graças a alguns cavalheiros que nos iam abrindo passagem por entre a multidão.

Chegámos, por fim, à Cova da Iria, junto da carrasqueira e começámos a rezar o terço com o povo. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e, a seguir, Nossa Senhora sobre a azinheira.

— Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra. Em Outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo. Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trazei-a só durante o dia.

— Têm-me pedido para Lhe pedir muitas coisas: a cura de alguns doentes, dum surdo-mudo.

— Sim, alguns curarei; outros, não. Em Outubro farei o milagre, para que todos acreditem. E começando a elevar-se, desapareceu como de costume.

(Das Memórias da Irmã Lúcia)

A Peregrinação de 13 de Agosto

Com a presença de dezenas de milhares de portugueses emigrantes, viveu-se mais uma peregrinação aniversária das aparições de Nossa Senhora, em Fátima.



310 peregrinos ofereceram o trigo para as hóstias do Santuário

Presidiu o cardeal Francisco Marty, arcebispo de Paris que conta na sua diocese com cerca de 500.000 emigrantes portugueses, como ele declarou na capelinha das aparições, ao dirigir uma saudação aos peregrinos.

A participação dos emigrantes nesta peregrinação foi organizada pela direcção Nacional da Obra Católica Portuguesa de Migrações, cujo Presidente, Dom António dos Reis Rodrigues, bispo de Madarsuma, o director nacional e numerosos capelães das colónias de emigrantes na França, Alemanha, Luxemburgo, Suíça, Canadá e outros países estiveram também presentes nos actos da peregrinação.

Ao iniciar oficialmente os ac-

tos na capelinha das Aparições, o sr. Bispo de Leiria dirigiu uma saudação ao Cardeal Marty e aos emigrantes:

A Primogénita da Igreja e a Nação fidelíssima, Terras de Santa Maria

«Saudando calorosamente o Cardeal Arcebispo de Paris é a alma católica da França que eu saúdo: alma tão profundamente mariana, como a alma portuguesa. Vejo na sua presença aqui, Senhor Cardeal, o encontro de duas nações cristãs: a «filha primogénita da Igreja» e a «Nação fidelíssima», ambas terras de Santa Maria, pelo amor que dedicam à Virgem Santíssima, desde o seu alvorecer histórico. Lourdes e Fátima são ponto culminante neste caminhar cristão das duas pátrias através dos séculos. Mas Lourdes

● Continua na 2.ª página

Grande campanha de oração — Reze o terço no mês de Outubro

A Peregrinação de 13 de Agosto

(Continuação da 1.ª página)

e Fátima são para o mundo todo, como ainda há bem pouco tempo afirmava Paulo VI. Possam os homens de hoje escutar e viver as suas mensagens de salvação. (...)

Se é tão cara ao nosso coração a presença de Vossa Eminência, não podemos esquecer o profundo sentido de que se reveste. Ela é sinal e programa. Sinal e programa dum intensa solidariedade da Igreja de França e da Igreja de Portugal em ordem a promover uma pastoral cada vez mais eficaz em favor dos 880.000 portugueses que trabalham em França. Eles são portadores, por graça de Deus, de potencialidades humanas e cristãs, que bem necessário é levar à plenitude da sua realização, para edificação da cidade de Deus na cidade dos homens. (...)

Motivos da Peregrinação do Cardeal Marty

Às palavras do Senhor Bispo de Leiria respondeu o Senhor Cardeal Marty. A primeira razão de ter aceitado o convite do Sr. Bispo de Leiria para vir a Fátima foi um apelo muito grande que Nossa Senhora lhe fez desde a sua meninice. Era um adolescente quando, já em 1917, ouviu falar das aparições de Nossa Senhora em Fátima e uma grande esperança se levantava então, precisamente porque a França atravessava a primeira Grande Guerra. Teve sempre um grande desejo de vir a Fátima e tinha mesmo receio de morrer, sem vir a este santuário.

A segunda razão pela qual sente grande prazer de se encontrar neste lugar é o facto de haver em França 800 mil portugueses, dos quais 500 mil na região parisiense. Recorda com especial emoção uma celebração na catedral de Notre-Dame numa segunda-feira de Páscoa, em que os portugueses se reuniram em grandíssimo número para louvarem Nossa Senhora, e A saudaram, na despedida, à sua maneira, com os seus lenços brancos a acenar. Nesse dia prometeu a si mesmo vir em peregrinação a Nossa Senhora de Fátima.

Durante a tarde realizaram-se os habituais encontros penitenciais de casais e de jovens e uma mesa redonda em que se debateram os problemas relacionados com a vivência cristã dos emigrantes nos países onde trabalham. Foi larga a

participação dos emigrantes.

Às 22 h. realizou-se a procissão das velas a que se seguiu a concelebração da Eucaristia presidida por Dom António dos Reis Rodrigues que proferiu a homília sobre a devoção dos emigrantes a Nossa Senhora. Concelebraram 40 sacerdotes e comungaram cerca de 18.000 peregrinos.

A via-sacra com que se iniciou a velada nocturna foi representada na escadaria da Basílica por um grupo de homens, mulheres e jovens da freguesia de Santa Catarina da Serra. Os actos da noite (adoração ao Santíssimo Sacramento, celebração mariana, missa e procissão eucarística) foram dirigidos pelos assistentes religiosos da Obra das Migrações.

Às 7.30 h. da manhã o P. José Alves Ardérius, assistente da colónia portuguesa de Lyon presidiu à celebração do Rosário na capelinha das aparições.

Pelas 10 h. o andar com a imagem de Nossa Senhora foi conduzido em procissão para o altar do Recinto, num cortejo presidido pelo cardeal Francisco Marty, os bispos de Leiria, coadjutor de Angra, bispo de Santarém, bispo resignatário de Leiria e Mons. Begirumwani, bispo de Ruanda (que veio festejar 25 anos de ordenação episcopal) e 200 sacerdotes. Muitas dezenas de milhar de peregrinos enchem o Recinto e comprimiam-se em alas para a passagem do andar. No início da Eucaristia foram dirigidas saudações em várias línguas. Depois do evangelho o cardeal Marty proferiu a homília de que transcrevemos alguns trechos.

Alegria e Esperança

É para mim uma grande alegria e uma grande esperança orar convosco e com os vossos bispos. Tantos cristãos vêm aqui rezar a sua Mãe, tantos portugueses emigrados em Paris nos contam as maravilhas de Nossa Senhora no santuário de Fátima. A vossa fidelidade profunda mesmo quando viveis longe de Portugal é, para os cristãos de França, um testemunho de fé e um incitamento.

Grande esperança, pois esta celebração eucarística, animada pela vossa intercessão junto de Nossa Senhora, será para mim e para todos nós, fonte de graças abundantes. Como todos os bispos, todos os sacerdotes e todos os cristãos, o Arcebispo de Paris tem as suas preocupações, inquietações e, mes-

mo, angústias: como anunciar o Evangelho aos homens de hoje? Como situar a mensagem de Jesus Cristo no mundo contemporâneo; para que ela seja compreendida e recebida? (...)

Maria, guia da nossa fé

Maria é guia da nossa fé. Isabel exaltou a fé de Maria: «Feliz aquela que acreditou na realização das palavras que lhe foram ditas da parte do Senhor». Poucos meses antes, Maria tinha pronunciado palavras decisivas: «Faça-se em Mim, segundo a Vossa Palavra». (...)

O Evangelho não envelhece: não é um livro coberto de pó; não é pão duro. O seu protagonista, Jesus, ressuscitou, está vivo, animando com o Seu Espírito, as palavras e os factos evangélicos. A Boa Nova é toda ela impregnada da vida de Jesus, da vida de Maria, da vida dos Apóstolos; ela enriquece-se ainda com a vida de todos aqueles que dela viveram, que a anunciaram, que deram, muitas vezes, a própria vida para testemunharem a sua verdade. «Não tenhais medo; procurai Jesus de Nazaré? Ele ressuscitou». O Seu Evangelho está sempre vivo.

O Filho de Deus incarnou no seio da Virgem Maria. Na noite de Quinta-feira Santa, Ele incarnou no pão e no vinho. Nas celebrações eucarísticas, Ele incarna e continua a Sua presença de Ressuscitado. Ele torna actual o Seu sacrifício redentor.

As celebrações eucarísticas são o meio necessário para encontrar Jesus e, por Ele, o Pai e o Espírito. Muitos fiéis descuram o encontro dominical da Missa. Como é que eles encontrarão Deus? A celebração Eucarística é a paragem, a etapa necessária para este encontro. Sem a celebração semanal, todo o cristão perde o alimento número um da sua fé. Não pode amar muito tempo Aquela que não encontra. O Domingo é o ponto de apoio da nossa fé, ponto de apoio da nossa história humana, para que ela se torne uma história religiosa.

Maria conduz-nos a Jesus, amando os homens, pelo Evangelho e pela Eucaristia.

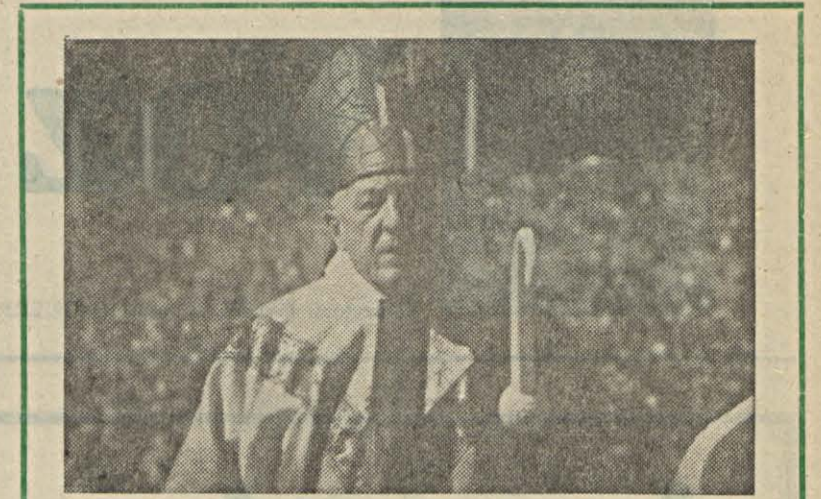
Maria, missionária de Jesus Cristo com a Igreja

Na manhã de Pentecostes, Maria presidiu, na oração, sob a acção do Espírito Santo, aos começos da Evangelização. Uma única aspiração animava Maria e os Apóstolos: o anúncio do Evangelho.

Pedro, com vigor, perdendo a sua timidez da véspera, grita a Boa Nova: «Aquele que pregastes no madeiro da cruz está vivo; Deus fê-lo Senhor». Maria estava lá. Ela está na Igreja de hoje ao serviço da sua missão.

A Igreja somos nós todos, baptizados. Deus confiou-nos a Sua mensagem; devemos anunciar a vitória da Ressurreição.

O terreno próprio da actividade



Cardeal Marty

O Cardeal François Marty nasceu em VAUREILLES, próximo de PACHINS, diocese de RODEZ, a 18 de Maio de 1904. Fez os seus estudos no Seminário Menor de GRAVES, no Seminário Maior de RODEZ e no Instituto Católico de TOULOUSE, onde obteve o doutoramento em teologia com uma tese sobre o modernismo.

Ordenado sacerdote a 28 de Junho de 1930, foi sucessivamente vigário em SAINT-AMANS de Rodez, pároco de BOURNAZEL, pároco-deão de RIEUPEYROUX, pároco-arcipreste de Notre-Dame de MILLAU e em Maio de 1951 vigário geral de SAINT-FLOUR.

Nomeado bispo de SAINT-FLOUR em 1 de Fevereiro de 1952 foi sagrado em 1 de Maio seguinte. Promovido em 14 de Dezembro de 1959, arcebispo titular de HEMESA e nomeado coadjutor com futura sucessão de Mgr. MARMOTIN, arcebispo de REIMS, tomando posse da arquidiocese à morte deste, em 9 de Maio de 1960.

Em 26 de Março de 1968 foi nomeado arcebispo de Paris para suceder ao Cardeal Venillot. Nomeado Cardeal em 28 de Março de 1969, foi publicado no consistório de 28 de Abril seguinte, com o título de S. Luís dos Franceses.

Entre os muitos cargos que tem exercido desde a sua consagração episcopal salientamos o de membro da comissão conciliar da disciplina do clero e do povo cristão (Outubro de 1962), consultor da comissão pontifícia para a revisão do Código de Direito Canónico (Abril de 1964), membro do Secretariado para os não Crentes (Março de 1966) delegado do Episcopado Francês aos vários Sinodos Episcopais; relator do esquema do Decreto sobre a vida e ministério dos sacerdotes (100.ª congregação geral do Concílio, em 13 de Outubro de 1964), membro da Sagrada Congregação para o Culto Divino (Agosto de 1970).

Foi eleito Presidente da Conferência Episcopal Francesa em Julho de 1969 e reeleito em Outubro de 1972 até 1975.

evangelizadora é o mundo vasto e complexo com os seus problemas nacionais e internacionais, mas, também, com tudo aquilo que constitui a nossa vida do dia a dia: o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional, o sofrimento. (...)

Papa Paulo VI, devemos ser fiéis ao Concílio. Ele impõe-nos uma etapa nova de duro trabalho apostólico, um tempo novo de crescimento da Igreja. Há uma ligação profunda entre Cristo, a Igreja, o Evangelho e Maria. (...)

Vaticano II, Concílio Missionário

É espantoso que divisões internas monopolizem os membros da Igreja, quando tantos homens clamam, gritam, anseiam pela Boa Nova. Devemos unir-nos, na fé, em torno do Papa, em torno dos bispos, na unidade da Igreja, para evangelizar o mundo moderno.

O Vaticano II é um Concílio missionário. Perto de 2.400 bispos do mundo inteiro reunidos com o Papa, sucessor de Pedro, apontaram os melhores caminhos para anunciar o Evangelho aos nossos tempos. Fazendo assim, eles foram fiéis à sua missão; o Espírito de Deus estava com eles.

Na fé, com tenacidade, unidos ao

Depois da homília, a Oração universal foi proferida nas línguas portuguesa, espanhola, inglesa, alemã, italiana, francesa, holandesa e jugoslava. Comungariam 35.000 peregrinos.

Foi o cardeal Marty quem deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos enfermos (portugueses, irlandeses, espanhóis e alemães).

O Senhor bispo de Leiria proferiu o compromisso final e agradeceu a presença do cardeal-arcebispo de Paris. A peregrinação terminou como habitualmente com a procissão do adeus a Nossa Senhora.

Diálogo com os Cruzados de Fátima

Apóstolos de Nossa Senhora

Antes de iniciar o tema «Devoção ao Imaculado Coração de Maria, conforme prometi no jornal de Agosto, queria convidar-vos a reflectir um pouco na jornada de Oração e Penitência, presentemente já a ser vivida, nalgumas zonas do país. Na Igreja, certas opiniões caprichosas e aventureiras em matéria de Fé e Moral, têm causado no bom povo português incertezas, dúvidas, desilusões e até muitos de seus filhos católicos, encontram-se em perigo de se identificarem mais com o mundo do que com o próprio Cristo.

Aqui e além nota-se um crescente activismo deixando de parte a oração, grande segredo da eficácia de qualquer movimento apostólico. Precisamos de uma Igreja verdadeira ima-

gem de Cristo. Uma Igreja de Santos e Mártires no cumprimento do seu dever.

Portugal está sofrendo uma sociedade em permanentes conflitos ideológicos, provocando uma acentuada falta de confiança, ameaça de uma provocante imoralidade, perigos constantes de confronto armado.

Por vezes dá-nos a impressão de que nos habituamos a tudo, esquecendo que temos algo de muito importante a fazer nesta Terra Portuguesa, terra de heróis e de Santos.

Não podemos continuar aqui

e além instalados num certo conformismo, indiferentes ao crescente avanço do mal. Não nos podemos conformar com um pretense conformismo, fácil, sem Cruz nem oração.

E assim apelamos para todos os cristãos portugueses e dum modo particular para os Missionários de Maria — Cruzados de Fátima — para que façam tudo o que estiver ao seu alcance.

Que esta jornada de Oração e Penitência, seja uma expressão de Fé e Amor à Mãe, de forma a alcançarmos para a

Igreja e a Sociedade Portuguesa as graças necessárias para um bom apostolado no próximo ano e obtermos da Mãe uma paz segura e confiante.

Propomos aos Chefes de Trezenas o seguinte:

1.º Que reunam urgentemente com o seu grupo, estudem e elaborem um plano para executar, no seu lugar ou freguesia, de acordo com o seu Pároco.

2.º Nesse plano poderiam incluir a reza do terço diário.

3.º Participação na Eucaris-

tia, uma vez por semana, além da dominical.

4.º Horas de adoração ao Santíssimo.

5.º Mortificação voluntária, além do cumprimento do dever.

6.º Vivência em pleno do mês do Rosário.

7.º Participação na Grande Peregrinação Nacional de Oração e Penitência, nos dias 12 e 13 de Outubro, encerramento do sexagésimo aniversário das Aparições.

8.º Quem vem a pé, que o faça em espírito de reparação, louvor e petição.

Na medida do possível participem na Via Sacra e reza do Rosário, nos locais indicados pela Reitoria do Santuário, até à Cruz Alta do Santuário.

P.º Antunes

O Cardeal Cerejeira e Fátima

No dia 1 de Agosto faleceu na Casa dos Retiros do Bom Pastor, à Buraca em Lisboa, o Cardeal Patriarca resignatário D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

A VOZ DA FÁTIMA cometeria certamente uma grande injustiça se não aproveitasse este momento para publicar, no primeiro número saído da tipografia depois da sua morte, uma evocação desta figura ímpar na História de Portugal e na História da Igreja desde os princípios deste século. Quisêmos, em particular, salientar a sua ligação muito íntima com Fátima e a sua Mensagem, de que foi um dos mais fervorosos arautos quer por escrito, quer pela palavra oral proferida em variadíssimas circunstâncias nos mais diversos pontos do globo.

A VOZ DA FÁTIMA honra-se com a colaboração de Mons. Moreira das Neves, distinto poeta e escritor, biógrafo de Sua Eminência e certamente um dos seus mais íntimos confidentes. A Redacção, em nome próprio e no dos muitos milhares de leitores, agradece muito penhoradamente, confiando mesmo que este seu artigo seja início de uma colaboração frequente nas colunas do nosso pequeno jornal. Aqui fica o apelo público para que seja mais incisivo e positivamente correspondido por Sua Reverência. Com isso irão beneficiar os Cruzados de Fátima e os leitores de VOZ DA FÁTIMA.

Os subtítulos deste artigo são da Redacção.

O exigente espírito crítico

O Cardeal Cerejeira, que a morte acaba de arrebatara ao silêncio orante da Casa do Bom Pastor, nos arredores de Lisboa, para as harmonias eternas do Outro Mundo, onde o vê agora a nossa esperança, foi sempre um exigente espírito crítico em todas as questões históricas, mesmo naquelas que tivessem mais próxima relação com a vida da Igreja. Para ele, primeiro e acima de tudo, era a Verdade que impertava.

Atitude típica da sua isenção foi a que tomou sobre o chamado Milagre de Ourique, que tamanho ruído levantou quando Alexandre Herculano, por falta de documentos coetâneos autênticos, lhe negou os fundamentos.

Não será, portanto, de espantar que, perante as primeiras notícias sobre as Aparições de Fátima, fosse de precaução a posição de Sua Eminência, como o fora, aliás, a posição inicial da Igreja.

O fervoroso crente

Mas pouco a pouco se foi aclarando o processo dos fenó-

menos de 1917 nas alturas da Serra de Aire, que Claudel havia de classificar de irrupção brutal da graça.

Com as declarações oficiais da autoridade eclesiástica de Leiria, uma grande luz se fez na consciência do então Mestre de Letras em Coimbra, cujas dúvidas, se desvaneceram por completo — como ele próprio afirmou, um dia, no Seminário dos Olivais — depois de ler a biografia da Jacinta.

Desde aí, a crença no sobrenatural de que deram testemunho heróico os três videntes da Cova da Iria, tornou-se luminosa certeza na sua alma e nunca mais a sua voz deixou de proclamar em toda a parte a marca divina da Mensagem da Virgem ao Mundo através dos Pastorinhos.

O peregrino de Fátima

Entre os peregrinos do Planalto Sagrado foi muitas vezes o primeiro peregrino, quer presidindo a romagens nacionais, quer a reuniões do Episcopado e de organismos da Acção Católica.

Além de breves improvisos de circunstância, proferiu numerosos discursos de impor-

tância capital para a explicação de Fátima e os seus problemas.

Para o dia 13 de Maio de 1931 redigiu e recitou na Cova da Iria, o Acto de Consagração de Fátima, numa solenidade em que se juntou todo o Episcopado Português (*Obras Pastorais*, I vol., p. 289).

Em 1938, inaugurou em Lisboa a igreja de Nossa Senhora de Fátima, a primeira grande afirmação de arte moderna no nosso País.

Em 1942 realiza-se em Lisboa o II Congresso Nacional da Juventude Católica Feminina, com a presença da Imagem de Nossa Senhora de Fátima venerada na Cova da Iria. Sua Eminência, em entrevista concedida ao *Diário de Lisboa* fala das razões da ida da Imagem à Capital e, numa alocução entusiástica, saúda a Imagem à chegada (O. P., II vol., p. 306).

Em 13 de Maio de 1942, no Pontifical celebrado na Cova da Iria, fala de *Os segredos de Fátima* (O. P., II, p. 311).

Em 30 de Outubro de 1942 lê, aos microfones da Emissora Nacional uma Mensagem sobre *Fátima e a Igreja*, talvez o mais profundo trabalho sobre o assunto, que, adaptado, repetiria mais tarde, em Roma, num Congresso Mariano Internacional (O. P., II, p. 317).

Ainda no mesmo ano, *O Milagre de Fátima*, prefácio à segunda edição do livro *Jacinta* (O. P., II, p. 327).

O Mensageiro de Fátima pelo Mundo

Em 1944, durante a sua viagem à África Portuguesa, como Legado de Pio XII, celebra missa campal no Lobito, diante de uma imagem da Senhora de Fátima e inaugura a igreja de N. Senhora de Fátima da Namaacha, a umas dezenas de quilómetros de Lourenço Marques.

Em 1946, benze a primeira pedra do Santuário de Nossa Senhora de Fátima em Belo Horizonte e lança terra da Cova da Iria ao benzer a primeira pedra da basílica nacional brasileira de Nossa Senhora Aparecida.

Em 1946 celebra Portugal o III Centenário da Proclamação da Padroeira. A Imagem de Nossa Senhora de Fátima é solenemente coroada. Fala S. Eminência do significado da cerimónia (O. P., III, p. 107). A Imagem de N. Senhora de Fátima vai pela segunda vez a Lisboa. Na véspera da chegada, 4 de Setembro, o Cardeal Cerejeira faz uma alocução na Emissora Nacional sobre *A História maravilhosa de Fátima* e, no dia 5, saúda a Imagem à chegada (O. P., III, p. 197 e segs.). No dia 25 de Dezembro do mesmo ano, dedica a Mensagem de Natal às *Pombas de Santa Maria* (O. P., III, p. 223).

No III vol. das *Obras Pasto-*



A última presença em Fátima como Patriarca (13/5/71)

O homem, o sacerdote, a obra

Nasceu D. Manuel Gonçalves Cerejeira na freguesia de Santa Marinha de Lousado, concelho de Famalicão, em 29 de Novembro de 1888. Sentindo desde muito nova vocação para o sacerdócio, cursou Teologia no Seminário de Braga desde 1906 a 1909. Dois anos depois, era ordenado presbítero, e formou-se, no ano seguinte, em Teologia pela Universidade de Coimbra. Frequentou depois a Faculdade de Letras, formando-se em 1918.

No ano de 1919, já doutorado em Letras, é nomeado professor da Universidade de Coimbra. Nessa época, publica algumas das suas principais obras de doutrina.

Em 1928, o Papa Pio XI elevou-o ao episcopado, escolhendo-o para auxiliar do patriarca D. António Mendes Belo, com o título de arcebispo de Mitilene. É sagrado na Sé Nova de Coimbra e, logo que toma posse do seu cargo, principia a sua obra de «renovação da fé» no Patriarcado de Lisboa. Por morte do cardeal Mendes Belo, é feito cardeal e eleito Patriarca de Lisboa, em 18 de Novembro de 1929, poucos dias antes de fazer 41 anos.

Entrou solenemente na Sé de Lisboa no dia 2 de Fevereiro de 1930. «A fundação e a restauração dos Seminários; a intrépida e carinhosa atenção à formação e prestígio do clero; a criação de casas de retiros espirituais para leigos; a organização e incrementação da Acção Católica; a restauração e fundação de igrejas; a instituição de novas paróquias e o desenvolvimento através dos meios de comunicação social; a preparação e criação da Universidade Católica Portuguesa; o desempenho de algumas missões, em nome do Santo Padre, em Portugal e no estrangeiro; o zelo na promoção das classes humildes e mais desamparadas; a solicitude em colaborar nos grandes movimentos intelectuais e sociais; a arte de escrever e a eloquência no falar; a nobreza e a simplicidade nas relações com todos os homens; o espírito de sacrifício e de confiança nas situações dolorosas; tudo ficará a marcar a vida do Homem, do Português e do Prelado, que Sua Santidade acaba de libertar das responsabilidades de governo do Patriarcado de Lisboa.»

O que vai entre aspas foi escrito nas «Novidades» de 14 de Maio de 1971 e resume a vasta e profunda acção do Senhor Cardeal Cerejeira, em prol da Igreja desde 1929 até 1971.

Em 13 de Maio de 1971, antes de se iniciar a concelebração solene comemorativa das bodas de prata da coroação da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, Sua Eminência comunicou, na sacristia da Basílica de Fátima, aos bispos e sacerdotes presentes que o Santo Padre tinha aceiteado o seu pedido de resignação de Patriarca de Lisboa e tinha nomeado para o substituir o Sr. D. António Ribeiro. A notícia foi depois transmitida pela Emissora Nacional e pela Rádio-televisão, sendo oficialmente comunicada aos peregrinos presentes pelo Sr. Bispo de Leiria. Esta peregrinação, presidida pelo Cardeal Renard, arcebispo de Lyon, foi pois o último acto público em que o Sr. Cardeal Cerejeira tomou parte na qualidade de Patriarca de Lisboa.

A vasta obra literária e pastoral do Cardeal Cerejeira está dispersa por jornais, revistas e livros.* Além das obras já mencionadas no artigo de Mons. Moreira das Neves relativas a Fátima, salientamos as seguintes:

O meu primeiro sermão, 1911; *Gratia plena* (sermão), s. d.; *O Renascimento em Portugal-Clenardo* (2 vols), 1917-1918; *A Igreja e o pensamento contemporâneo*, 5 edições, 1924-1953; *Do valor histórico de Fernão Lopes*, 1925; *O Humanismo em Portugal-Clenardo*, 1926; *Saudação pastoral ao meu clero*, 1930; *Cartas aos novos*, 1933-1944; *Mensagem aos portugueses do Brasil*, 1934; *A Idade Média*, 1936; *Obras Pastorais*, 7 volumes, 1936-1970; *Vinte anos de Coimbra*, 1943; *Cristianismo e Comunismo*, 1947; *Clenardo e a sociedade do seu tempo*, 1949; *Cartas de Roma*, 1966; *Na hora do diálogo*, 1967; *A crise da Igreja*; *Aos homens de boa vontade*, 1971.

A melhor biografia do Sr. Cardeal Cerejeira é: *O Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa*, da autoria de Mons. Moreira das Neves, que prepara uma outra obra sobre o mesmo assunto, que será editada pelo Patriarcado de Lisboa.

Fátima e a Igreja

Não é Fátima que julga a Igreja; a Igreja é que julga Fátima. Só ela possui a pedra de toque para aferir o bom quilate de toda a doutrina religiosa e moral — e essa pedra é Cristo. Fátima pode ilustrá-la de novo esplendor de Fé e de graça; não pode aumentar o seu tesouro divino.

Por que acredita afinal a Igreja no milagre de Fátima? Aqueles que não conhecem a doutrina católica do milagre cuidarão que a Igreja acredita no milagre porque não sabe explicar o que parece ainda misterioso. Ignoram que a Igreja não exige só, como qualquer filósofo, a evidência da prova de que determinados factos excedem, em si ou pelas circunstâncias, as forças da natureza (e já isto é fundar-se, não naquilo que ignoramos, mas naquilo que conhecemos), para se pronunciar; a Igreja exige mais: a presença do elemento divino, a manifestação do dedo de Deus.

A Igreja acredita no milagre de Fátima porque ele se conforma com o Evangelho de Cristo e o serve.

Tem sido a mais abençoada missão pregada à terra portuguesa, desde que ela existe; e já se vai espalhando pelo mundo todo. Como na visão profética de Ezequiel, é agora Portugal que renasce.

Graças a Fátima, muitos novos peregrinos de Emaús fugidos, com Fé perdida, da Jerusalém da Santa Igreja se encontraram de novo com o Senhor e O reconheceram e, transfigurados, Lhe pediram que ficasse com eles.

São sem número aqueles em cujo coração o Espírito Santo voltou a cantar o divino epitalâmio da união da alma com Deus. Oh! que de consciências mortas em que a graça de Cristo renovou o milagre da ressurreição de Lázaro, chamando-as de novo à vida, a esta vida que é comunhão da de Cristo, vida eterna começada na hóstia da nossa carne mortal, vida na Luz e no Amor de Cristo!

E se Fátima tem dado Cristo a Portugal, seu missionário antigo, esquecido (parecia) de sua missão e envergonhado de sua glória, por que não acreditar que é do Coração Imaculado da Virgem Santíssima, a quem a Igreja chama com os Livros Santos a Mãe do Amor Formoso, que Portugal o recebeu? Mãe Puríssima de Jesus, a sua missão é dar ao mundo o Salvador. (D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Fátima e a Igreja, em Obras Pastorais, II vol., p. 326-327.)

FÁTIMA, nova Vila Portuguesa

O dia 19 de Agosto passado marcou o nascimento de uma nova vila em Portugal — Fátima. Ninguém certamente pensaria há seis dezenas de anos atrás que esta aldeia serrana, sem particulares vantagens em relação às suas congéres, pudesse vir a distinguir-se delas e a colocar-se numa posição que lhe dá direitos de prioridade em determinados sectores, embora traga também maiores responsabilidades para os seus habitantes.

«A caracterização do aglomerado urbano de Fátima como local de grandes concentrações de população flutuante com um constante incremento demográfico da população fixa a par de um notável desenvolvimento em vários sectores, dispendo de satisfatórias infra-estruturas de apoio» que são, nos considerandos do diploma ministerial, a razão imediata desta promoção, têm uma raiz mais profunda que explica totalmente, a situação actual — as aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria, em 1917.

A partir desses factos, que encheram de admiração Portugal e o Mundo, os homens deram a esta localidade, que se mantivera na sua pequenez durante séculos, a dimensão crescente de um aglomerado populacional com características urbanas.

A partir de uma pequena azinheira e de uma capelinha, em 60 anos um longo abraço foi unido progressivamente um novo lugar — a Cova da Iria,

aos lugares vizinhos.

A recente revisão do plano de urbanização da área foi a ocasião próxima para o requerimento aos poderes centrais; a ocorrência do 60.º aniversário das aparições foi o factor determinante para solicitar o não adiamento da pretensão; o dia 19 de Agosto foi data sugerida e aceite, para assinalar este acontecimento, por ser dia significativo na história das aparições de 1917 e possibilitar aos seus habitantes, neste mesmo ano e em anos futuros, disponibilidade de tempo para comemorem festivamente a efeméride.

Foi o que efectivamente aconteceu no passado dia 19 de Agosto.

Os festejos tiveram a presença honrosa dos srs. Ministro da Administração Interna, Governador Civil do Distrito de Santarém, Bispo de Leiria, Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, comandantes distritais da Polícia de Segurança Pública e da Guarda Nacional Republicana, Reitor do Santuário, Pároco, Junta de Freguesia e representantes das ordens e congregações religiosas e muitas pessoas, da nova vila, da freguesia de Fátima e vizinhas e muitos peregrinos.

As comemorações abriram com a celebração da Eucaristia, na Basílica, sob a presidência do sr. D. Alberto Cosme do Amaral, bispo de Leiria e a participação do sr. D. João Pereira Venâncio, reitor do Santuário, pároco e mais 22 sacerdotes,

entre os quais alguns naturais da freguesia de Fátima.

A Basílica estava repleta de fiéis.

Na altura do Evangelho o sr. Bispo de Leiria proferiu a homilia, sublinhando que «a categoria de vila não é uma honra, é uma exigência; não é soberania, é serviço; não é coroa dos vossos méritos, é programa de novas virtudes. É um sinal dos homens, mas é, principalmente, um sinal de Deus, o supremo condutor da História.»

Pelas 18 h, o sr. Ministro da Administração Interna e demais Autoridades e muito povo reuniram-se na sede da Junta de freguesia. Aqui, depois de duas bandas de música terem tocado o hino da Maria da Fonte e o Hino Nacional foi descerrada uma placa a assinalar o grande acontecimento. Antes o presidente da Junta, sr. António da Conceição Carreira deu as boas-vindas a que respondeu o sr. Ministro.

Seguiu-se a visita ao futuro Centro de Etnografia Regional de Fátima (Exposição-Museu) junto da casa da Lúcia, em Aljustrel, onde foram examinados objectos variados (louças, alfaias agrícolas, utensílios) e muitas fotografias de personalidades ligadas à história que se pretende reviver (1860-1960).

No salão de festas do Seminário do Verbo Divino realizou-se uma sessão a que presidiu o sr. Ministro e assistiram os srs. bispos, governador civil, Câmara, Junta, pároco e muitas individualidades e nu-

meros público da nova Vila.

Francisco Pereira de Oliveira fez a evocação do passado de Fátima, recordando todos os que nestes 60 anos contribuíram para a edificação da «Cidade de Deus e dos homens», e o Dr. Luciano Guerra, reitor do Santuário, leu um discurso sobre o seu pensamento quanto ao futuro da Vila de Fátima; a formação de uma consciência comunitária; afastamento da tentação do dinheiro; que os jovens não deixem endurecer o seu coração; aumento da vida litúrgica. Quanto às grandes necessidades a resolver citou: construção do caminho de ferro e organização de combóios especiais, construção do aeródromo; maior colaboração entre a Autoridade Administrativa concelhia e a nova Vila. Efectuou-se depois um jantar de confraternização que foi ocasião para troca de vários brindes. Na sede da freguesia houve uma festa popular a que se juntaram os habitantes de toda a freguesia.

Como conclusão das celebrações deste dia efectuou-se uma evocação espiritual nos Valinhos, local da quarta aparição em 19 de Agosto de 1917, com meditação da mensagem ali trazida por Nossa Senhora há 60 anos. A organização da 39.ª Volta a Portugal em bicicleta associou-se ao regozijo dos habitantes, promovendo a passagem da caravana desportiva pela nova vila e a conclusão da ante-penúltima etapa, no dia 25 de Agosto.

Portaria n.º 519/77 de 13 de Agosto

A caracterização do aglomerado urbano de Fátima como local de grandes concentrações de população flutuante com um constante incremento demográfico da população fixa a par de um notável desenvolvimento em vários sectores, dispendo de satisfatórias infra-estruturas de apoio, justifica que seja concretizada a pretensão manifestada pelos seus habitantes e corroborada pelos pareceres da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, Junta Distrital e Governo Civil de Santarém, no sentido da criação da vila de Fátima.

Nestes termos:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Administração Interna, o seguinte:

1. É elevada à categoria de vila a povoação de Fátima, sede da freguesia do mesmo nome, do concelho de Vila Nova de Ourém, considerando-se também anexadas na referida vila as povoações de Aljustrel, Cova da Iria, Lomba de Égua e Moita, igualmente pertencentes à freguesia de Fátima.

2. A presente portaria entra em vigor em 19 de Agosto de 1977.

Ministério da Administração Interna, 2 de Agosto de 1977. — O Ministro da Administração Interna, Manuel da Costa Brás.

(DIÁRIO DA REPÚBLICA, I série, 13 de Agosto de 1977).

Fátima foi elevada à categoria de Vila e não de Concelho

Acerca da elevação de Fátima a vila, o Ministério da Administração Interna publicou o seguinte esclarecimento:

«Foi divulgado no «Diário de Notícias» de hoje (dia 19), assim como noutros jornais diários uma notícia relativa à Portaria n.º 519/77, de 13 de Agosto, do Ministério da Administração Interna que, por interpretar incorrectamente o seu teor, deve merecer as seguintes rectificações:

1. — A portaria n.º 519/77, de 13 de Agosto, do MAI, eleva à categoria de vila a povoação de Fátima, anexando-lhe as povoações de Aljustrel, Cova da Iria, Lomba d'Égua e Moita. Não foi, assim, criado um novo concelho. A nova vila de Fátima continua a sede de freguesia do mesmo nome, integrada no concelho de Vila Nova de Ourém, do distrito de Santarém.

2. — A citada portaria limita-se, portanto, a alterar a categoria de uma localidade. Outra coisa não podia aliás acontecer, já que é da exclusiva competência da Assembleia da República, de acordo com a alínea h) do art.º 167.º da Constituição, a «organização das autarquias locais».

O Cardeal Cerejeira e Fátima

(Continuação da 3.ª página)

rais (p. 283) pode ler-se ainda um documento sobre o Instituto das Servas de Nossa Senhora de Fátima.

Em Maio de 1948, preside ao Congresso Mariano de Madrid e, no Solene Pontifical da Praça da Armaria, fala da Mensagem de Fátima (O. P., IV, p. 255).

Em 7 de Outubro de 1951, faz uma alocução sobre Fátima, esperança da Paz, na Sé de Lisboa, ao abrir-se o Congresso Internacional da Mensagem de Fátima (O. P., IV, p. 271).

Em 7 de Outubro de 1953, discursa sobre Fátima, Altar do Mundo, na sagração da Basílica de Fátima (O. P., IV, p. 279).

Na Carta Pastoral sobre o Ano Mariano, datada de 24 de Setembro de 1954, insere um Apelo de Nossa Senhora de Fátima (O. P., IV, p. 32).

O Episcopado em Fátima pela Hungria é uma Nota em nome do Episcopado (O. P., IV, p. 49).

No volume V das Obras Pastorais encontramos: A Mensagem de Fátima-Lurdes (p.209) — 24 de Agosto de 1954; Fátima e Lurdes (p. 277) discurso proferido no Congresso Internacional Mariano de Lurdes, em 16 de Setembro de 1958. O Milagre de Fátima (p. 383), prefácio a um livro do C. Barths publicado em 1955; O sentido de Fátima (p. 391), prefácio ao livro de Gilbert Renault Fátima, Esperance du Monde, que o P.

Moreira das Neves traduziu para Português.

Em 2 de Outubro de 1960 publica uma Carta Pastoral sobre O Mês do Rosário e Nossa Senhora de Fátima (O. P., VI, p. 235).

No Pontifical de Fátima, em 13 de Outubro de 1961, faz a homilia sobre A Mensagem de Fátima e o Mundo actual (O. P., VI, p. 245).

Aos peregrinos que foram a pé a Fátima é uma pequena nota de 6-1-1962 (O. P., VI, p. 243).

Em 1961 (30 de Abril), publica Pastoral sobre a Mensagem de Fátima (O. P., VI, p. 391).

A 23 de Julho de 1967, fala em Fátima, na Peregrinação dos Municípios Portugueses (O. P., VII, p. 161).

Em 5 de Maio de 1968, discursa em Fátima Na ultreia Jubilar dos Cursos de Cristianidade (O. P., VII, p. 173).

Em 10 de Junho de 1967, agradece em Roma, em nome do Episcopado, a vinda de Paulo VI a Fátima (O. P., VII, p. 225).

Ainda a propósito da vinda de S. Santidade à Cova da Iria envia uma Mensagem de Paz para o Brasil (O. P., VII, p. 323) e prefacia o livro O Maior Milagre de Fátima de Marques Gastão (O. P., VII, p. 225).

No entardecer da vida

Estas notas, apressadamente ordenadas, darão uma ideia do que Fátima foi para o Cardeal Cerejeira que, nem mesmo durante a sua última doença, a esqueceu. Ao fim da tarde de 30 de Junho de 1977, ouvia Sua Eminência, pela Rádio, a alocução que o actual Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, proferiu, na Sé Patriarcal, ao Evangelho da missa de acção de graças pelo 14.º aniversário da Coroação de Paulo VI. Citara o Patriarca as Memórias de um filósofo francês aparecidas há pouco, em que se reproduzem impressões de Sua Santidade sobre a sua Peregrinação a Fátima. Observou o Cardeal Cerejeira que as mesmas impressões lhas transmitira o Papa, em primeira mão, no final das cerimónias da Cova da Iria, mais ou menos assim:

— Tenho visto, diante de mim, multidões imensas. Mais, porém, de curiosos do que de almas em tensão religiosa. O espectáculo de Fátima foi muito diferente. Foi uma afirmação única de fé e de solidariedade espiritual. O povo na sua verdade, a rezar, a cantar e a fazer penitência, unido e erguido como num só coração.

MOREIRA DAS NEVES

MEU IRMÃO DOENTE

S. Carlos Borromeu, um dia, respondeu àqueles que aconselhavam a não fazer sacrificios (naturalmente eram como aqueles que no nosso tempo dizem que o sacrifício é coisa pagã), que o apóstolo é comparado pelo Senhor à lâmpada. Assim como esta não pode dar luz sem o azeite se consumir, assim este, nada poderá fazer sem se gastar na renúncia a sua aceitação da cruz.

Em Março de 1960, o Santo

Padre João XXIII, a cinco mil doentes reunidos na Basílica de S. Pedro em Roma, dizia: O Chefe da Igreja confia mais na cooperação dos doentes, com o seu sofrimento, do que no trabalho dos Padres do Concílio.

Meu irmão, na tua casa, no hospital, ou em qualquer outro lugar em que estejas a sofrer moral ou fisicamente, podes ser mais útil à Igreja do que um grande teólogo ou pregador.

Voz da Fátima

Por falta de espaço, deixamos para o próximo número:

Promessas de Lúcia, do Rev. P.º Fernando Leite; Fátima no Mundo; Extractos dos discursos proferidos em Fátima por ocasião da elevação a Vila; Fátima, centro de espiritualidade; Respostas de leitores ao apelo: Quem viu Fátima há 60 anos?

Aproveitamos esta oportunidade para convidar de novo todos os que foram testemunhas dos factos de 13 de Setembro e de Outubro de 1917 para virem a Fátima nos próximos dias 13 de Setembro e Outubro. Terão lugar reservado nas cerimónias desde que se anunciem antecipadamente por carta.

A REDACÇÃO